

**DÍLI, TIMOR LESTE, 22 DE JANEIRO DE 2001**

Nesta visita a Díli, minha motivação maior é a de ser intérprete dos sentimentos e valores do povo brasileiro e, nessa condição, trazer nossa mensagem de solidariedade aos timorenses.

Em um país com as dimensões do Brasil, raros são os eventos além-fronteiras que chegam a capturar a imaginação popular. No entanto, a luta do povo timorense por sua liberdade marcou vivamente a opinião pública brasileira.

Apesar da distância, apesar das diferenças, os brasileiros têm os timorenses na conta de um povo irmão.

A emoção causada pelo voto de 30 de agosto de 1999 e a coragem do povo timorense em face da adversidade e da violência ecoaram no Brasil.

Desde o primeiro momento apoiamos no plano político e com recursos humanos e materiais a intervenção da ONU em Timor.

Temos orgulho de que um brasileiro, Sérgio Vieira de Mello, tenha sido escolhido para liderar a ação da ONU neste período de transição.

E é com satisfação que já podemos saudar o Timor Leste como um parceiro amigo e leal na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Impõem-se, agora, os desafios da reconstrução e da preparação para a independência.

Algumas das tarefas prioritárias são as mesmas com as quais nos defrontamos no Brasil:

- a da educação, condição imprescindível para assegurar a cada um o exercício da cidadania e as condições de inserção na economia;
- a da saúde, direito social fundamental de todos os cidadãos em uma democracia.
- Outras são tarefas próprias de um Estado jovem, que dá os primeiros passos para a organização do poder público:
- a estruturação de um serviço público eficiente e eficaz, capaz de atender às demandas da sociedade;
- e o estabelecimento das condições para que o Estado timorense desempenhe a contento as funções básicas da soberania, como defesa e relações exteriores.

Em todas essas áreas o Brasil já vem cooperando com o Timor Leste. Cada uma delas é importante, mas a cooperação brasileira em Timor Leste terá a mesma prioridade que o meu Governo adota no Brasil: a educação, o combate ao analfabetismo, o treinamento de professores, a formação profissional.

Nosso desejo é dar uma contribuição decisiva à educação e à capacitação dos quadros, para que os timorenses possam, o quanto antes, tomar seu destino em suas próprias mãos.

Ainda que as necessidades materiais saltem aos olhos, a principal tarefa com que se defrontarão os timorenses, a mais crucial para sua felicidade futura, é a construção de um Estado livre e democrático.

Democracia é muito mais do que a simples realização de eleições livres. Democracia é convívio, diálogo, um processo de conciliação de interesses que reúna a promoção do bem comum e a aceitação das diferenças.

E eu quero dizer, aqui, que nós, brasileiros – e os povos de todo o mundo – temos, a esse respeito, uma grande dívida com o povo timorense.

Por meio de sua luta exemplar, sua coragem e sua bravura, o povo e os líderes timorenses estão dando uma grande lição ao mundo: a de que a grandeza de um povo se mede não pela extensão de seu território, mas pela dimensão dos sacrifícios que é capaz de realizar na conquista de sua liberdade, na defesa dos direitos humanos e da democracia.

O Timor Leste tem a sorte de poder contar, neste momento decisivo de sua história, com líderes capazes, corajosos, como o Presidente Xanana Gusmão.

Senhoras e Senhores, o Brasil, como o Timor Leste, abriu-se para o mundo na primeira onda da globalização, no século XVI.

Sobre aquelas navegações portuguesas, perguntou Fernando Pessoa se teriam valido a pena. Respondeu ele próprio que tudo vale a pena se a alma não é pequena.

Neste início de milênio, em que a globalização transcende os Estados e as grandes empresas e transforma o dia-a-dia dos cidadãos, vale a pena o esforço de solidariedade.

Por isso, minha palavra aqui é de apoio e solidariedade do Brasil. Os brasileiros saberão estender a mão a seus irmãos da jovem nação timorense.

Muito obrigado.